



ORÇAMENTO

Inquérito apura queda de fiscalização pelo governo

JOGOS DE 2016

'Não caia na água do Rio', alerta capa do jornal NYT

LINK

Airbnb amplia oferta na Copa e incomoda o setor hoteleiro

TELEVISÃO

Pernas de pau têm seus dias de estrela em 'Várzea F.C.'

RETA FINAL

Jêrôm e Valcke chega ao Brasil e garante que 'vai ter Copa'

Você está em [Notícias](#) > [Educação](#)

Cortella: 'A escola passou a ser vista como um espaço de salvação'

O filósofo, educador e professor Mario Sergio Cortella alerta que as famílias estão confundindo escolarização com educação; para ele, pais devem retomar seu papel
17 de maio de 2014 | 18h 19

Notícia **A+ A-**
Enviar | Recomendar 1,2 mil | Compartilhar 3 | 43

Bia Reis - O Estado de S. Paulo

SÃO PAULO - As expectativas das famílias em relação às escolas e o que elas oferecem - ou são, de fato, capazes de ofertar - está em descompasso. De um lado, há adultos cada vez menos presentes, seja pelo excesso de trabalho, pelos longos deslocamentos nas megalópoles ou até pela falta de paciência, que esperam que a escola ensine o conteúdo obrigatório e eduque os seus filhos. Do outro, as instituições se desdobram para dar conta de uma infinidade de disciplinas regulares e ainda são cobradas a disciplinar os alunos e abordar temas considerados pertinentes. Tudo em quatro horas diárias.



Ricardo Chicarelli/Estadão

Nunca tivemos tanta agressividade dos alunos contra docentes', afirma Cortella

NOTÍCIAS RELACIONADAS

Meta é a prevenção na escola, diz ministério

Deborah Colker abre Feira do Livro de Ribeirão com espetáculo inédito

As críticas são feitas pelo professor, educador e filósofo Mario Sergio Cortella, que lança nesta semana o livro *Educação, Escola e Docência - Novos Tempos, Novas Atitudes*. "As famílias estão confundindo escolarização com educação. É preciso lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família. Muitas vezes, o casal não consegue com o tempo que dispõe, formar seus filhos, passa a tarefa ao professor, responsável por 35, 40 alunos."

Cortella, que há 16 anos escreve livros na área educacional, fará dois lançamentos de *Educação, Escola e Docência*, ambos seguidos de palestras. O primeiro será para docentes, no dia 22, na feira Educar/Educador 2014, no Centro de Exposições Imigrantes. O segundo, para o público em geral, ocorrerá em 10 de junho, no Teatro Tuca, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A seguir, Cortella fala sobre a necessidade de uma parceria entre escolas e famílias, o impacto da tecnologia e como tornar as aulas

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Siga o Estadão

Estadão
 Você curtiu isto.

Municipal terá escola dedicada à ópera

Do espaço, astronauta se une em tempo real a concerto de estudantes dos EUA

A arte de armar

mais atraentes.

O senhor fala em métodos de ensino do século 19, docentes do século 20 e alunos do século 21. É possível resolver o descompasso?

Mais em Educação



Maria Fernanda Rodrigues recomenda Mercado editorial recupera otimismo depois de votação a favor das biografias - cultura. há ± 2 semanas



Tiago Ferro recomenda Carter abre o jogo - suplementos.



Luciana Souza recomenda Polícia identifica

A escola tem de ficar em estado de prontidão para acompanhar uma par mudança, que acontecem de forma extremamente veloz. Isso porque n vem do passado tem de ser levado adiante. A escola precisa distinguir o passado e deve ser protegido, ou seja, o que é tradicional, daquilo que precisa ser deixado para trás porque é arcaico. Autoridade docente, atenção ao conteúdo e formação de personalidade ética são valores tradicionais. A escola tem de estar atenta às mudanças tecnológicas, mas não se submeter a elas. Vou dar um exemplo. Imagine se em 2004, quando foi criado o Orkut, uma escola criasse um projeto pedagógico baseado nessa rede social. Como um projeto pedagógico demora 10, 12 anos para ser aplicado na sequência de seriação, hoje ele já estaria obsoleto. Já pensou se quando o pen drive foi lançado outra escola tivesse decidido que todos os alunos deveriam organizar seus materiais nesse formato, que, chegou-se a dizer, substituiria a mochila? Hoje, nenhum jovem usa pen drive: eles guardam tudo em nuvens. Portanto, o que digo é que a escola tem de ficar atenta ao novo, mas não ser refém.

Professores da rede estadual terão reajuste de 7% a partir de julho

14 de maio de 2014 | 23h 54

Cada vez mais a aprendizagem ocorre fora do espaço escolar. O que é preciso fazer para conquistar o aluno quando tudo fora da escola parece mais interessante?

Vou te dizer uma coisa que parece óbvia: Ninguém deixa de se interessar por aquilo que interessa. Nós temos de saber o que interessa ao aluno para, a partir daí, chegar ao que é necessário. É preciso conhecer o universo circunstancial dos alunos: as músicas que eles estão ouvindo, o que estão assistindo de programas e vendo de desenho animado, para chegar à seleção do conteúdo científico necessário. Temos de partir do universo vivencial que o aluno carrega para chegar até aquilo que de fato é necessário acumular como cultura produzida pela humanidade. Hoje, a escola não pode ser extremamente abstrata, como no meu tempo. O conteúdo tem de ser conectado com o dia a dia.

O que as escolas precisam fazer para encantar as crianças?

É preciso incorporar o que elas já fazem. A geração anterior, de quem já tem mais de 30 anos, só se comunicava pelo telefone. Esta geração de crianças e jovens voltou a escrever - no Facebook, no Twitter, no WhatsApp, em blogs. A escola tem de aproveitar essa produção. Alguns até dirão que eles escrevem errado. Claro, todo mundo escreve errado antes de escrever certo. Podemos partir de uma escrita que não está no padrão para chegar à norma culta.

Conversando com pais e professores, a impressão é de que estão insatisfeitos. As famílias se queixam das escolas e as escolas, dos pais. O que acontece?

Antes de mais nada, não estamos diante do crime perfeito, em que só há vítimas. Temos autor também. E essa autoria é multifacetada. A escola foi soterrada nos últimos 30 anos com uma série de ocupações que ela não dá conta - e não dará. Em uma sociedade em que os adultos passaram a se ausentar da convivência com as crianças, seja por conta do excesso de trabalho, da distância nas megalópoles ou da falta de paciência para conviver com aqueles que têm menos idade, a escola ficou soterrada de tarefas. As famílias confundem escolarização com educação. É preciso lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família. Muitas vezes, o casal não consegue, com o tempo de que dispõe, formar seus filhos e passa a tarefa ao professor, responsável por uma classe de 35 ou 40 alunos, tendo de lidar com educação artística, religiosa, ecológica, sexual, para o trânsito, contra a droga, português, matemática, história, biologia, língua estrangeira moderna, etc, etc, etc. A escola passou a ser vista como um espaço de salvação.

E como resolver a questão?

A família precisa retomar o seu papel, porque ter filho dá trabalho. Ou será que as pessoas não sabem? Existe tempo, aplicação, reordenamento, partilha das tarefas. A escola não tem como dar conta de tudo o que dela hoje se requisita. Quando há um linchamento, querem que a escola fale sobre linchamento. O mesmo ocorre com briga em estádios, corrupção, etc. E nem adianta o pai ou a mãe dizer: "A gente paga, a gente quer o serviço". É preciso uma parceria entre a escola e as famílias. Uma ideia é manter, como algumas instituições fazem, uma escola de pais, com reuniões periódicas para ajudar as famílias na reflexão.

De que maneira a convivência reduzida das famílias com os filhos afeta a escola?

Nunca tivemos tanta agressividade dos alunos contra os docentes. Parte das crianças fica sozinha, come se quiser, vai de perua para a escola e quase não encontra adultos. Se é de classe média, o único adulto que ela encontra é a empregada, para quem ela dá ordem. Não há uma estrutura da disciplina. O primeiro adulto que ela encontra no dia é o professor, que pergunta cadê o uniforme, você fez a tarefa, guarde o celular. Claro que nessa hora a criança vem para cima. É uma geração que confunde desejos com direitos. É preciso uma educação que seja mais firme, mas isso exige tempo, e tempo é questão de prioridade.



Serviço

Educação, Escola e Docência – Novos Tempos, Novas Atitudes

Escritor: Mario Sergio Cortella

Editora: Cortez

Páginas: 125

Preço: R\$ 32

Tópicos: Mario Sergio Cortella

Estadão PME - Links patrocinados

Vidros é na Instalvidros

Há mais de 15 anos trabalhando com qualidade e transparência

www.instalvidros.com.br

Conexões e Tubos

Conexões em aço inox e Carbono, tubos, flanges, tubos inox sem costura

www.gginnox.com.br

[Anuncie aqui](#)

Grupo Estado

Copyright © 2007-2014
Todos os direitos reservados

Acervo
Trabalhe Conosco
Anuncie
Classificados
Fale Conosco
Termo de Uso
Mapa Site
Webmail

Estadao.com.br

Política	Link
São Paulo	Divirta-se
Brasil	PME
Internacional	Paladar
Economia	Aliás
Esportes	Jornal do Carro
Cultura	Opinião
Saúde	Blogs
Ciência	Colunistas
Educação	Tópicos
Planeta	

Portais

Estadão.com.br
Grupo Estado
Agência Estado
Rádio Estadão
Rádio Eldorado
TV Estadão
Revista Piauí
Broadcast Político
Local
Cannes
Prêmio de Mídia

O Estado de S. Paulo

Curso de Jornalismo
Assine O Estadão
Portal do Assinante
Edição Digital
Celular
Ipad
New sletter
Código de Ética
Demonstrações Financeiras
Portal de Fornecedores
Planeta Serviços Digitais

Siga o Estadão